

“BEM VIVER”: ENTRE O “DESENVOLVIMENTO” E A “DES/COLONIALIDADE” DO PODER¹

“GOOD LIVING”: BETWEEN “DEVELOPMENT” AND “UN/COLONIALITY” OF POWER

Anibal Quijano²

O que aqui proponho é abrir uma questão importante de nosso crucial período histórico: o Bem Viver³, para ser uma realização histórica efetiva, não pode ser um complexo de práticas sociais orientadas à produção e à reprodução democrática de uma sociedade democrática, outro modo de existência social, com seu próprio e específico horizonte histórico de sentido radicalmente alternativos à “Colonialidade” Global do Poder e à “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada⁴. Este padrão de poder

¹ Uma primeira e breve versão se publicou no Boletim de OXFAM, maio de 2010.

² Sociólogo e teórico político peruano, atualmente diretor da cátedra “América Latina e a Colonialidade do Poder” na Universidade Ricardo Palma, em Lima, Peru, e professor do departamento de sociologia da Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos.

³ “Bem Viver” e “Bom Viver” são os termos mais difundidos no debate do novo movimento da sociedade, sobretudo da população vista como indígena na América Latina, a partir de uma existência social diferente da que nos tem imposto a “Colonialidade” do Poder. “Bem Viver” é, provavelmente, a formulação mais antiga na resistência “indígena” contra a “Colonialidade” do Poder. Foi, notavelmente, cunhada no Vice-Reino do Peru, por nada menos que Guamán Poma de Ayala, aproximadamente em 1615, em sua **Nueva Coronica e Buen Gobierno**. Carolina Ortiz Fernández é a primeira a ter chamado a atenção sobre esse histórico feito: “Felipe Guaman Poma de Ayala, Clorinda Matto, Trinidad Henríquez y la teoría crítica. Sus legados a la teoría social contemporánea”, em **Yuyaykusun**, N.º. 2. Universidade Ricardo Palma, dezembro 2009, Lima, Peru. As diferenças podem não ser somente linguísticas, senão, conceituais. Será necessário delimitar as alternativas, tanto no espanhol latino-americano, como nas variantes principais do quéchua na América do Sul e no aimará. No quéchua do norte do Peru e no Equador, se diz “Allin Kghaway” (Bem Viver) ou “Allin Kghawana” (Boa Maneira de Viver) e no quéchua do sul e na Bolívia costuma-se dizer “Sumac Kawsay” e se traduz em espanhol como “Bem Viver”. Mas “Sumac” significa bonito, lindo, no norte do Peru e no Equador. Assim, por exemplo, “Imma Sumac” (Que Bonita) é o nome artístico de uma famosa cantora peruana. “Sumac Kawsay” se traduziria como “Viver Bonito”. Inclusive, não faltam desavisados eurocentristas que pretendem fazer de Sumac o mesmo que Suma e propõem dizer Suma Kawsay.

⁴ A teoria da “Colonialidade” do Poder, ou “Colonialidade” do Poder Global, e do Eurocentrismo ou “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada, como seu específico horizonte histórico de sentido, foi originalmente proposta em meus textos desde começo da década final do Século XX. Para os fins do atual debate, pode ser útil mencionar os principais. “Colonialidad y Modernidad/Racionalidad”, originalmente publicado em **Peru Indigena**, Vol.13, No. 29, Lima 1991; “Americanity as a Concept or the Americas in the Modern World-System”, publicado em co-autoria com Immanuel Wallerstein em **International Social Science Journal**, No. 134, Nov. 1992, UNESCO/Blackwell, p. 549-557, Paris, França; “América Latina en la Economía Mundial”, publicado em **Problemas del Desarrollo**, Instituto de Investigaciones Económicas, UNAM, vol. XXIV, No. 95, outubro-dezembro 1993, México; “Raza, Etnia y Nación: Cuestiones Abiertas”, em **Jose Carlos Mariategui y Europa**. Ed. Amauta, 1993, pp. 167-188. Lima, Perú. “Colonialité du Pouvoir et Democratie en Amerique Latine”, em **Future antérieur: Amérique Latine, democratie et exclusion**. L'Harmattan, 1994. Paris, Francia; “Colonialidad, Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina”, em Lima, **Anuario Mariateguiano**, 1998, vol. IX, No. 9, p.113-122. Peru; “Qué Tal Raza!” em **Familia y Cambio Social**. CECOSAM, ed. 1998. Lima, Perú; “Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina”, em Edgardo Lander, comp. **Colonialidad del saber, eurocentrismo y ciencias sociales**, UNESCO-CLACSO 2000, p. 201 e ss; “Colonialidad del Poder y Clasificación Social”, originalmente em **Festschrift for Immanuel Wallerstein** em **Journal of World Systems Research**, vol. VI, No. 2, Fall/Winter 2000, p.342-388. Special Issue. Giovanni Arrighi and Walter L.Goldfrank, eds. Colorado, USA. “Colonialidad del Poder, Globalización y Democracia”, versão revisada em San Marcos, Segunda Época, No. 25, Julho 2006, p. 51-104, Universidade de San Marcos, Lima, Peru.

é ainda hoje mundialmente hegemônico, mas também em seu momento de mais profunda e enraizada crise, desde sua constituição, há pouco mais de quinhentos anos. Nestas condições, Bem Viver, hoje, só pode ter sentido como uma existência social alternativa, como uma “Des/Colonidade” do Poder.

1 “Desenvolvimento”, um paradoxo eurocêntrico: modernidade sem “des/colonialidade”

Desenvolvimento foi, sobretudo no debate latino-americano, o fim principal de um discurso político associado a um elusivo projeto de desconcentração e redistribuição, relativos ao controle do capital industrial, na nova geografia que se configurava no capitalismo colonial-moderno global, ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Em um primeiro momento, esse foi um discurso virtualmente oficial. Contudo, prontamente deu lugar a complexas e contraditórias questões que produziram um rico e intenso debate, com reverberações mundiais, como clara expressão da magnitude e da profundidade dos conflitos de interesse político-social implicados em toda essa nova geografia de poder, na América Latina em particular. Assim foi produzida uma extensa família de categorias (principalmente, “desenvolvido”, “subdesenvolvido”, “modernização”, “marginalidade”, “participação”, de um lado, e “imperialismo”, “dependência”, “marginalização”, “revolução”, na vertente oposta) que se foi exibindo em estreita relação com os conflitivos e violentos movimentos da sociedade, que levaram seja a processos inconsequentes ou a mudanças relativamente importantes, mas inacabados, na distribuição de poder.⁵

De modo breve, se poderia dizer que na América Latina o resultado principal foi a remoção do “Estado Oligárquico” e de algumas de suas instâncias na existência social da população desses países. Mas sem sua dependência histórico/estrutural na “Colonialidade” Global de Poder nem os modos de exploração e de dominação inerentes a tal padrão de poder, foram erradicados ou alterados suficientemente para dar lugar a uma produção e gestão democrática do Estado, nem dos recursos de produção, nem da distribuição e apropriação do produto. Nem o debate logrou, apesar de sua intensidade, liberar-se da hegemonia do Eurocentrismo. Em outros

⁵ Os nomes Raúl Prebisch, Celso Furtado, Aníbal Pinto, Fernando Henrique Cardoso-Enzo Faletto, Andrew Gunder Frank, Rui Mauro Marini, Theotonio Dos Santos, José Nun, entre os muitos que tomaram parte em dito debate, são provavelmente familiares à maioria dos leitores. E há, com certeza disponível, a esse respeito, uma extensa literatura.

termos, essas mudanças não levaram ao “desenvolvimento”. De outro modo não poderia estender-se porque o fim reaparece sempre. Agora, por exemplo, como fantasma de um inconcluso passado⁶.

2 A “Colonialidade” Global de Poder e o fantasma do Estado/nação

A hegemonia do Eurocentrismo no debate levava na América Latina criar o “desenvolvimento” em relação ao Estado/Nação. Mas, no contexto da “Colonialidade” Global de Poder, essa perspectiva era historicamente irrelevante. Mais ainda, precisamente quando, depois da Segunda Guerra Mundial, este padrão de poder ingressava a escala global, em um prolongado período de mudanças decisivas que aqui é útil sumarizar:

1) O capital industrial começou a vincular-se estruturalmente com o que então foi denominada como “revolução científico-tecnológica”. Essa relação implicava, de um lado, a redução das necessidades de forças de trabalho viva e individual e, em consequência, do emprego assalariado como estruturalmente inerente ao capital em seu novo período. O desemprego deixava de ser um problema conjuntural ou cíclico. “Desemprego estrutural” foram os termos posteriormente cunhados entre os economistas convencionalistas para significar esse processo.

2) Essas tendências de mudança das relações entre capital e trabalho, implicaram a ampliação da margem de acumulação especulativa, também como tendência estrutural e não somente cíclica, e levaram à dominação progressiva da “financeirização estrutural”. Assim se foi configurando um novo capital industrial/financeiro, que de pronto teve uma relativamente rápida expansão mundial.

3) Um processo de “tecnocratização/instrumentalização” da subjetividade, do imaginário, de todo o horizonte de sentido histórico específico da “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada. Trata-se, em rigor, de um processo de crescente abandono das promessas iniciais da chamada “racionalidade moderna” e, nesse sentido, de uma mudança profunda da perspectiva ética/política da eurocêntrica versão original da “colonialidade/modernidade”. Esta não deixou de ser, não obstante

⁶ Ver de Aníbal Quijano: **El Fantasma del Desarrollo en América Latina**. Em Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales, 2/2000, pp.73-91, Universidade Central de Venezuela, Caracas, Venezuela. Do mesmo autor **Os Fantasmas da América Latina**, em Adauto Novais, org. **Oito Visões da América Latina**. SENAC, pp. 49-87, São Paulo, 2006, Brasil.

sua nova característica, atrativa e persuasiva, embora se tornando cada vez mais paradoxal e ambivalente, historicamente impossível em definitivo.

4) O desenvolvimento e a expansão do novo capital industrial/financeiro, junto com a derrota dos grupos nazi/fascistas da burguesia mundial, na disputa pela hegemonia do capitalismo durante a Segunda Guerra Mundial, facilitaram a desintegração do colonialismo europeu na Ásia e África, e, ao mesmo tempo, a prosperidade das burguesias, das camadas médias, inclusive de setores importantes dos trabalhadores explorados, dos países euro/americanos.

5) A consolidação do despotismo burocrático (rebatizado de “socialismo realmente existente”) e sua rápida expansão dentro e fora da Europa ocorreram dentro desse mesmo canal histórico. O referido modo de dominação foi sendo afetado, cada vez mais profunda e de maneira insana por essa corrente tecnocrática e instrumental da “racionalidade” colonial/moderna.

6) Nesse contexto, a hegemonia dessa versão da “modernidade” operava como o mais poderoso mecanismo de dominação da subjetividade, tanto por parte da burguesia mundial como da despótica burocracia do chamado “campo socialista”. Desse modo, não obstante suas rivalidades, ambos os modos de dominação/exploração/conflito, convergiram em seu antagonismo repressivo aos novos movimentos da sociedade, em particular entorno da ética social à respeito do trabalho, do gênero, da subjetividade e da autoridade coletiva.

Seria mais difícil explicar de outro modo, a exitosa aliança de ambos modos de dominação para derrotar (seja em Paris, Nova York, Berlim, Roma, Jakarta, Tlateloco, ou em Changai e Praga) os movimentos juvenis, sobretudo, que entre os fins dos anos sessenta e começo do século XX, lutaram, minoritariamente, mas em todo o mundo, então já não somente contra a exploração do trabalho e contra o colonialismo e o imperialismo, contra as guerras colonial-imperiais (nesse período, Vietnã era o caso emblemático), senão também contra a ética social do produtivismo e do consumismo; contra o pragmático autoritarismo burguês e burocrático; contra a dominação de “raça” e de “gênero”; contra a repressão das formas não convencionais de sexualidade; contra o reducionismo tecnocrático da racionalidade instrumental e por uma nova relação estética/ética/política. Lutando, em consequência, por um horizonte de sentido histórico radicalmente distinto que o implicado na “Colonialidad”/Modernidade/Eurocentrada.

7) Ao mesmo tempo, surgia um novo padrão de conflito. Em primeiro ponto, a deslegitimação de todo sistema de dominação montado sobre o eixo

“raça”/“gênero”/“etnicidade”. A tendência começou já desde final da Segunda Guerra Mundial, como resultado da repulsa mundial a respeito das atrocidades do nazismo e do autoritarismo militar japonês. O racismo/sexismo/eticismo de ditos regimes despóticos são só ficavam, por tanto, derrotados na guerra, senão também e não menos, convertidos em referencia deslegitimadora da racionalização, do patriarcado, do etnicismo e do autoritarismo militarista nas relações de poder. Mas foi sobretudo durante a década dos anos 60 do século XX que o grande debate sobre a “raça” e sobre o “gênero” puderam ganhar um novo e definitivo relevo, anunciando o grande conflito mundial atual entorno do controle dos respectivos âmbitos da prática social.

8) Por tudo isso, não obstante a derrota dos movimentos antiautoritários e antiburocráticos, e da conseqüente imposição da “globalização” do novo Capitalismo Colonial Global, a semente de um horizonte histórico novo pode sobreviver entre a nova heterogeneidade histórico/estrutural do imaginário mundial, e germina agora como um dos sinais maiores da proposta de Bem Viver.

3 O novo período histórico: a crise enraizada da “Colonialidade” Global de Poder

O desenvolvimento daquelas novas tendências históricas do Capital Industrial-Financeiro levou a esse prolongado período de auge e de mudanças a culminar com a explosão de uma crise enraizada no padrão de poder como tal, a “Colonialidade” Global de Poder, em seu conjunto e em seus elementos fundamentais, desde a segunda metade de 1973.

Com essa crise, o mundo tem ingressado em um novo período histórico, cujos processos específicos têm profundidade, magnitude e implicações equivalentes, embora com um quase sinal, aos do período que denominamos como “Revolução Industrial/Burguesa”. Os termos “neoliberalismo”, “globalização” e “pós-modernidade” (que aqui não poderiam ser discutidos cuidadosamente)⁷, apresentam com razoável

⁷ Minha contribuição ao debate dessas questões, principalmente em: **Modernidad, Identidad y Utopía en América Latina**. Ed. Sociedad y Política, Lima 1988; “Colonialidad del Poder, Globalización y Democracia”, originalmente em **Tendencias Básicas de Nuestra Era**, Instituto de Estudios Internacionales Pedro Gual., 2001. Caracas, Venezuela. Uma versão revisada, em **San Marcos**, No. 25, Julho 2006, revista da Universidade de San Marcos, Lima, Perú; “Entre la Guerra Santa y la Cruzada”, originalmente em **América Latina en Movimiento**, No. 341, outubro 2001. Quito, Equador; “El Trabajo al Final del Siglo XX”, originalmente em **Pensée sociale critique pour le XXI siècle**, Melanges en l’honneur de Samir Amin. Forum du Tiers- Monde, L’Harmattan 2003, p.131-149, Paris, France; e “Paradojas de la Colonialidad/Modernidad/Eurocentrada”, em **Hueso Humero**, No. 53, abril 2009, p. 30-59. Lima, Perú.

eficácia, não obstante todas suas ambivalências e complexidades, o caráter e as tendências maiores do novo período.

O primeiro consiste, basicamente, na imposição definitiva de novo capital financeiro no controle do capitalismo global colonial/moderno. Em um sentido preciso, se trata da imposição mundial da “desocupação estrutural”, plenamente tramada com a “financeirização estrutural”. O segundo, na imposição dessa definida trama sobre todos os países e sobre toda a população humana, inicialmente na América Latina, com a sangrenta ditadura do General Pinochet no Chile, e depois pela política dos governos de Margaret Thatcher e Ronald Reagan na Inglaterra e nos Estados Unidos, respectivamente, com o respaldo e/ou submissão de todos os demais países.

Essa imposição produziu a dispersão social dos trabalhadores explorados e a desintegração de suas principais instituições sociais e políticas (sindicatos, sobretudo); a derrota e desintegração do chamado “campo socialista”, e de virtualmente todos os regimes, movimentos e organizações políticas que lhe estavam vinculados. China, e depois Vietnã, optaram por ser membros do novo “capitalismo realmente existente”, industrial-financeiro e globalizado, sob um despotismo burocrático reconfigurado como sócio das maiores corporações financeiras globais e do Bloco Imperial Global⁸.

Enfim, “pós-modernidade” denomina, não de todo inapropriadamente, a imposição definitiva da tecnocratização/instrumentalização da até então conhecida como a “racionalidade moderna”. Isto é, de “Colonialidad”/Modernidade/Eurocentrada.

Estamos, pois, imersos em um processo de completa reconfiguração da “Colonialidade” Global de Poder, o padrão de poder hegemônico no planeta. Trata-se, em primeiro ponto, da aceleração e aprofundamento de uma tendência de reconcentração do controle do poder.

As tendências centrais de dito processo consistem, em um breve relato, em:

- 1) a re-privatização dos espaços públicos, do Estado em primeiro lugar;
- 2) a reconcentração do controle do trabalho, dos recursos de produção e da produção/distribuição;
- 3) a polarização social extrema e crescente da população mundial;
- 4) a exacerbação da “exploração da natureza”;
- 5) a hiperfetichização do mercado, mais que da mercadoria;

⁸ Sobre o conceito de Bloco Imperial Global, remeto a **Colonialidad del Poder, Globalización y Democracia**, já citado.

6) a manipulação e controle dos recursos tecnológicos de comunicação e de transporte para a imposição global da tecnocratização/instrumentalização da “colonialidade”/modernidade;

7) a mercantização da subjetividade e da experiência de vida dos indivíduos, principalmente das mulheres;

8) a exacerbação universal da dispersão individualista as pessoas e da conduta egoísta transvestida de liberdade individual, o que na prática equivale à universalização do “sonho americano” pervertido no pesadelo de brutal perseguição individual de riqueza e poder contra os demais;

9) a fundamentalização das ideologia religiosa e de suas correspondentes éticas sociais, o que re-legitima o controle dos principais meios da existência social;

10) o uso crescente das chamadas “indústrias culturais” (sobretudo da imagem, cinema, TV, vídeo, etc.) para a produção industrial de um imaginário de terror e de mistificação da experiência, de maneira a legitimar a “fundamentalização” das ideologias e da violência repressiva.

4 A “exploração da natureza” e a crise da “colonialidade” global do poder

Embora aqui de maneira apenas alusiva, não seria pertinente deixar de indicar que um dos elementos fundamentais da “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada é o novo e radical dualismo cartesiano, que separa a “razão” e a “natureza”⁹. Dali, uma das ideias/imagens mais características do Eurocentrismo, em qualquer de suas vertentes: a “exploração da natureza” como algo que não requer justificção alguma e que se expressa cabalmente na ética produtiva engendrada junto com a “revolução industrial”. Não é difícil perceber a inerente presença da ideia de “raça” como parte da “natureza”, como explicação e justificção da exploração das “raças inferiores”.

É em amparo dessa mistificação metafísica das relações humanas com o resto do universo, que os grupos dominantes do *homo sapiens* na “Colonialidade” Global de Poder, em especial desde a “revolução industrial”, têm levado à espécie a impor sua hegemonia de exploração sobre as demais espécies animais e uma conduta

⁹ Um debate mais minucioso pode ser encontrado em “Colonialidad del Poder y Clasificación Social”, originalmente em *Festschrift for Immanuel Wallerstein*, em *Journal of World- Systems Research*, vol. VI, No. 2, Fall/Winter 2000, p.342-388. Special Issue. Giovanni Arrighi and Walter L. Goldfrank, eds. Colorado, USA.

predatória sobre os demais elementos existentes neste planeta. E, sobre essa base, o Capitalismo Colonial/Global pratica uma conduta cada vez mais feroz e predatória, que termina colocando em risco não somente a sobrevivência da espécie inteira no planeta, senão a continuidade e a reprodução das condições de vida, de toda vida, na terra. Sobre sua imposição, hoje estamos matando-nos entre nós e destruindo nosso lar comum.

A partir desta perspectiva, o chamado “aquecimento global” do clima na terra, ou “crise climática”, longe de ser um fenômeno “natural”, que ocorre em algo que chamamos “natureza” e separados de nós como membros da espécie animal *Homo sapiens*, é o resultado da exacerbação daquela desorientação global da espécie sobre a terra, imposta pela tendência predatória do novo Capitalismo Industrial/Financeiro dentro da “Colonialidade” Global do Poder. Em outras condições, é uma das expressões centrais da crise enraizada deste específico padrão de poder.

5 A nova resistência: rumo a “des/colonialidade” do poder

Desde fins do século XX, uma proporção crescente das vítimas de referido padrão de poder, tem começado a resistir a essas tendências, em virtualmente todo o mundo. Os dominadores, os “funcionários do capital”, seja como donos das grandes corporações financeiras ou como governantes de regimes despóticos-burocráticos, respondem com violentas repressões, agora não só dentro das fronteiras convencionais de seus próprios países, senão através ou por cima delas, desenvolvendo uma tendência à re-colonização global, usando os mais sofisticados recursos tecnológicos que permitem matar mais gente, mais rápido, com menos custo.

Dadas essas condições, na crise da “Colonialidade” Global de Poder e, em especial, da “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada, a exacerbação do conflito e da violência se tem estabelecido como uma tendência estrutural globalizada.

Tal exacerbação do conflito, dos fundamentalismos, da violência, aparelhar à crescente e extrema polarização social da população do mundo, vai levando a própria resistência a configurar um novo padrão de conflito. A resistência tende a desenvolver-se como um modo de produção de um novo sentido da existência social, da vida mesma, precisamente porque a vasta população implicada percebe, com intensidade crescente, que o que está em jogo agora não é só sua pobreza, como sua eterna experiência, senão, nada menos que sua própria sobrevivência. Tal descoberta implica, necessariamente,

que não se pode defender a vida humana na terra sem defender, ao mesmo tempo, no mesmo movimento, as condições da própria vida nesta terra.

Desse modo, a defesa da vida humana, e das condições de vida no planeta, se vai constituindo no novo sentido das lutas de resistência da imensa maioria da população mundial. E sem subverter e desintegrar a “Colonialidade” Global de Poder e seu Capitalismo Colonial/Global hoje em seu mais predatório período, essas lutas não poderiam avançar para a produção de um sentido histórico alternativo ao da “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada.

6 “Des/colonialidade” do poder como contínua produção democrática da existência social

Esse novo horizonte de sentido histórico, a defesa das condições de sua própria vida e das demais neste planeta, já está firmado nas lutas e nas práticas sociais alternativas da espécie. Em consequência, contra toda a forma de dominação/exploração na existência social. É dizer, uma “Des/Colonialidade” do Poder como ponto de partida, e a autoprodução e reprodução democrática da existência social, como eixo contínuo de orientação das práticas sociais.

É neste contexto histórico em que há que se localizar, necessariamente, todo debate e toda elaboração acerca da proposta de Bem Viver. Por conseguinte, se trata, principalmente, de admiti-la como uma questão aberta, não somente no debate, senão na prática social cotidiana das populações que decidam tramar e habitar historicamente nessa nova existência social possível.

Para desenvolver-se e consolidar-se, a “Des/Colonialidade” do Poder implicaria práticas sociais configuradas por:

- a) igualdade social de indivíduos heterogêneos e diversos, contra a desigual classificação e identificação racial/sexual/social da população mundial;
- b) por conseguinte, as diferenças, nem as identidades, não seriam mais a fonte ou o argumento da desigualdade social dos indivíduos;
- c) agrupações, pertences e/ou identidades seriam o produto das decisões livres e autônomas de indivíduos livres e autônomos;
- d) reciprocidade entre grupos e/ou indivíduos socialmente iguais, na organização do trabalho e na distribuição dos produtos;

e) redistribuição igualitária dos recursos e produtos, tangíveis e intangíveis, do mundo, entre a população mundial;

f) tendência de associação comunal da população mundial, em escala local, regional, ou globalmente, como o modo de produção e gestão diretas da autoridade coletiva e, nesse sentido preciso, como o mais eficaz mecanismo de distribuição e redistribuição de direitos, obrigações, responsabilidades, recursos, produtos, entre os grupos e seus indivíduos, em cada âmbito da existência social, sexo, trabalho, subjetividade, autoridade coletiva e corresponsabilidade nas relações com os demais seres vivos e outras entidades do planeta ou do universo inteiro.

7 Os “indígenas” do “sul global” e a proposta de bem viver: questões pendentes

Não é por acidente histórico que o debate sobre a “Colonialidade” do Poder e sobre a “Colonialidade”/Modernidade/Eurocentrada, tenha sido produzido, primeiramente, a partir da América Latina. Assim como não é que a proposta de Bem Viver venha, inicialmente, do novo movimento dos “indígenas” latino-americanos.

América Latina é o mundo constituído nas “Índias Acidentais” (irônica referência à divulgada ideia de “Índias Ocidentais”)¹⁰. Por isso, como o espaço original e o tempo inaugural de um novo mundo histórico e de um novo padrão de poder o da “Colonialidade” Global de Poder. E, assim mesmo, como o espaço/tempo original e inaugural da primeira “indigenização” dos sobreviventes do genocídio colonizador, como a primeira população do mundo submetida à “racialização” de sua nova identidade e de seu lugar dominado no novo padrão de poder.

A América Latina e população “indígena” ocupam, pois, um lugar basal, fundante, na constituição e na história da “Colonialidade” de Poder. Daí, seu atual lugar e papel na subversão epistémica/teórica/histórica/estética/ética/política deste padrão de poder em crise, implicada nas propostas de Des/”Colonialidade” Global do Poder e do Bem Viver como uma existência social alternativa.

Contudo, se bem a América, e em particular a América Latina, foi a primeira nova identidade histórica da “Colonialidade” do Poder e suas populações colonizadas os primeiros “indígenas” do mundo, desde o século XVIII todo o resto do território do planeta, com todas suas populações, foi conquistado pela Europa Ocidental. E tais populações, a imensa maioria da população mundial, foram colonizadas,

¹⁰ **Robert Finley**: Las Indias Accidentales. Ed. **Barataria**, 2003. Espanha.

transformadas em raça e, em consequência, “indigenizadas”. Sua atual emergência não consiste, pois, em mais outro “movimento social”. Se trata de todo um movimento da sociedade cujo desenvolvimento poderia levar à “Des/Colonialidade” Global do Poder, isto é a outra existência social, liberada de dominação/exploração/violência.

A crise da “Colonialidade” Global de Poder e o debate e a luta por sua “Des/Colonialidade” tem mostrado a pela luz que a relação social de dominação/exploração fundadas em torno da ideia de “raça”, é um produto da história do poder e de nenhuma cartesiana “natureza”. Mas também mostram a extrema heterogeneidade histórica dessa população “indigenizada”, primeiro em sua história previa à colonização europeia; segundo, na que se tem produzido pelas experiências sob a “Colonialidade” do Poder, durante quase meio milhão de anos e, finalmente, pela que está sendo agora produzida no novo movimento da sociedade rumo a “Des/Colonialidade” do Poder.

Não teria sentido esperar que essa historicamente heterogênea população, que compõem a esmagadoramente imensa maioria da população mundial, tenha produzido ou abrigado um imaginário histórico homogêneo, universal, como alternativa à “Colonialidade” Global do Poder. Isso não poderia ser concebível inclusive tomando em conta exclusivamente América Latina, ou América em seu conjunto.

Todas essas populações, sem exceção, provêm de experiências históricas de poder. Até onde sabemos, o poder parece ter sido, em toda a história conhecida, não somente um fenômeno de todas as existências sociais de larga duração, senão, mais ainda, a principal motivação da conduta histórica coletiva da espécie. Tais experiências de poder sem dúvidas são distintas entre si e a respeito da “Colonialidade” de Poder, não obstante possíveis experiências comuns de colonização.

Contudo, as populações “indigenizadas” sob a dominação colonial, primeiro na “América” pela Ibéria, e mais tarde em todo o mundo sob “Europa Ocidental”, não só tem dividido em comum, universalmente, as perversas formas de dominação/exploração imposta com a “Colonialidade” Global do Poder. Também, paradoxal, mas efetivamente, na resistência contra elas tem chegado a dividir aspirações históricas comuns contra a dominação, a exploração, a discriminação: a igualdade social de indivíduos heterogêneos, a liberdade de pensamento e de expressão de todos esses indivíduos, a redistribuição igualitária de recursos, assim como o controle igualitário de todos eles, sobre todos os âmbitos centrais da existência social.

Por tudo isso, na “indigenidade” histórica das populações vítimas da “Colonialidade” Global do Poder, não incentivou somente a herança do passado, senão toda a aprendizagem da resistência histórica de tão longo prazo. Estamos, por isso, caminhando na emergência de uma identidade histórica nova, histórico/estruturalmente heterogênea como todas as demais, mas cujo desenvolvimento poderia produzir uma nova existência social liberada de dominação/exploração/violência, o qual é o mesmo coração da demanda do Fórum Social Mundial: *Outro Mundo é Possível*.

Em outros termos, o novo horizonte de sentido histórico emerge com toda sua heterogeneidade histórico/estrutural. Nessa perspectiva, a proposta de Bem Vier é, necessariamente, uma questão histórica aberta¹¹ que requer ser continuamente indagada, debatida e praticada.

¹¹ Acerca disso, por exemplo, as recentes entrevistas a dirigentes aimarás na Bolívia, feitas e difundidas no e-mail da CAOI. A revista **América Latina en Movimiento**, da Agência Latino-americana de Informação (ALAI), tem dedicado o No. 452, fevereiro de 2010, integralmente a este debate, sob o título geral de **Recuperar el sentido de la vida**. À Respeito das mesmas práticas sociais, há já um muito importante movimento de pesquisa específica. Ver **Vivir Bien Frente al Desarrollo. Procesos de planeación participativa en Medellín**. Esperanza Gómez et al., Facultad de Ciencias Sociales, Universidade de Medellín, Colombia, 2010.